PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO PSICOLOGIA

Hugo Colucci Gascon

MOCHILEIRO SAINDO DA "ZONA": UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

São Paulo, SP

2024

HUGO COLUCCI GASCON

MOCHILEIRO SAINDO DA “ZONA”: UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação em Psicologia apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa

São Paulo, SP

2024

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos meus pais, José e Anete, que me apresentaram o prazer das trilhas e das viagens e que, atualmente, no mesmo dia andam 50km de bicicleta e vão ao cinema com meia entrada para idosos.

Ao meu irmão Arthur que nunca negou ir um pouco além para ver a paisagem da próxima esquina.

À minha namorada Ana que me ajudou com essa pesquisa e vai me ajudar a arrumar a mala de muitas viagens que faremos juntos.

Ao Diego e ao Franz, meus grandes amigos idealizadores do projeto #saiadazona, que despertou reflexões e uma grande vontade de estudar esse tema.

Também agradeço ao Diogo, meu querido orientador que deixou o processo todo mais leve e transformou o bicho papão do TCC numa viagem agradável, com seus perrengues claro.

Somos una especie en viaje
No tenemos pertenencias sino equipaje
Vamos con el polen en el viento
Estamos vivos porque estamos en movimiento
Nunca estamos quietos, somos trashumantes
Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes
Es más mío lo que sueño que lo que toco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
Yo no soy de aquí
Pero tú tampoco
De ningún lado del todo
De todos lados un poco

Somos uma espécie em viagem
Não temos pertences, mas sim bagagem
Vamos com o pólen ao vento
Estamos vivos porque estamos em movimento
Nunca estamos parados, somos nômades
Somos pais, filhos, netos e bisnetos de imigrantes
O que sonho é mais meu do que aquilo que toco
eu não sou daqui
Mas você também não
eu não sou daqui
Mas você também não
De nenhum lado do todo
De todos os lados um pouco

Movimiento - Jorge Drexler

RESUMO

Área do Conhecimento: 7.07.00.00-1- Psicologia
Subárea do Conhecimento: 7.07.10.00-7- Tratamento e Prevenção Psicológica
Título: Mochileiro saindo da "zona": uma investigação fenomenológico-existencial.
Ano: 2024
Orientador: Prof. Dr. Diogo Arnaldo Corrêa
Autor: Hugo Colucci Gascon

O "mochilão" é uma prática de viagem que vem se tornando cada vez mais popular ao redor do mundo, na qual o viajante, buscando autenticidade e legitimidade na maneira de estar em contato e adentrar na cultura local dos destinos pelos quais passa, se coloca em posição de maior abertura sem roteiros turísticos pré-definidos. O presente trabalho teve como objetivo fazer uma reflexão sobre tal tipo de viagem e, tendo como base teórica a fenomenologia-existencial, compreender de que modos a experiência de abertura – saída da zona de conforto – vivida por uma pessoa na situação de mochileiro reflete em seu vir-a-ser próprio em relação à angústia existencial. Para isso, foi feita uma entrevista com uma mulher que vive a vida nômade há dois anos. Discutiu-se se fazer mochilões poderia apaziguar a angústia do ser, pensando o papel do desconforto nesse processo. Compreendeu-se que a experiência do "mochilão" parece apaziguar a angústia existencial na medida em que apresenta a pluralidade do mundo, mas não de uma maneira distante como na internet, sim de maneira presente e provocadora, de modo que o movimento de abertura e estreitamento do ser se dá de forma menos abrupta.

Palavras-chave: viagem; angústia; Fenomenologia; Psicologia.

ABSTRACT

"Backpacking" is a travel practice that is becoming increasingly popular around the world, in which the traveler, seeking authenticity and legitimacy in the way they get in touch with and enter the local culture of the destinations they visit, places themselves in a position of greater openness without pre-defined tourist itineraries. The aim of this study was to reflect on this type of trip and, using existential phenomenology as a theoretical basis, to understand how the experience of openness - leaving the comfort zone - lived by a backpacker reflects on their own becoming in relation to existential anguish. To this end, an interview was conducted with a woman who has been living the nomadic life for two years. We discussed whether backpacking could appease the anguish of being, thinking about the role of discomfort in this process. It was understood that the experience of "backpacking" seems to appease existential anguish insofar as it presents the plurality of the world, but not in a distant way like on the internet, but in a present and provocative way, so that the movement of opening and narrowing of the being takes place less abruptly.

Keywords: journey; anguish; Phenomenology; Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 08

2 A ANGÚSTIA SEGUNDO A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL 12

3 O MOCHILEIRO 15

4 O PERRENGUE 19

5 MÉTODO 22

5.1 Delineamento 22

5.2 Participantes 22

5.3 Procedimento 22

5.4 Plano de Análise de Dados 23

6 ENTREVISTA 24

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO 25

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 33

REFERÊNCIAS 34

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista 35

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 36

1 INTRODUÇÃO

A ideia dessa pesquisa surgiu a partir do meu interesse por viagens, mais especificamente por viagens solitárias. Sempre gostei de viajar e já fiz bastante isso com a família, apesar de não termos feito roteiros muito fora do padrão. Nesses caminhos, a partir de uma certa idade, comecei a admirar os chamados "mochileiros". Algo neles me fascinava, invejava essas pessoas vivendo de modo tão livre.

Fui crescendo e aos poucos fui tentando frequentar os ambientes por onde tais viajantes passavam. Primeiro, em viagens com os amigos, começamos a nos hospedar em *hostels* (hotel com quartos, cozinha e banheiro compartilhados) e, depois de algumas experiências, compramos barracas e experimentamos nos alojar em campings.

Nesses locais, pude entrar em contato com alguns mochileiros (os ambientes eram propícios ao encontro de estranhos) e muitos deles contavam sobre uma experiência encantadora. Um encanto que para mim talvez tivesse a ver com a real possibilidade de sair por aí: se tem gente que faz isso, por que eu também não faço?

Em 2018 fiz meu primeiro mochilão, que não foi exatamente o estilo de viagem que quero estudar aqui. Fui para a Europa com outras quatro pessoas, seguimos rotas pré-definidas e gastamos muito dinheiro. A experiência foi ótima, foram 20 dias incríveis e jamais vou esquecer essa viagem. Porém, fiquei com a sensação de que poderia ter aproveitado mais, de que poderia ter conhecido mais pessoas, me lançado no desconhecido e adentrado as culturas locais.

Me senti como um menino que vai jogar futebol e, em função do time, joga como goleiro, enquanto, na verdade, gostaria de poder transitar livremente pelo campo: ele até pode sair de sua área, mas não por muito tempo, até podem vir até ele, mas logo vão embora. No caso da viagem, essa delimitação da área, que me distanciava de uma vivência mais imersiva, era formada pelos meus amigos e nossos planos. Separar-me deles ou romper com as rotas que tanto demoramos para planejar era desgastante demais, de modo que eu "curti" a partida, mas sem passar do meio de campo.

Outras pequenas viagens aconteceram depois dessa, mas foi em janeiro de 2020 que fiz meu primeiro mochilão sem acompanhantes. Passei o ano novo viajando de carro pelo Uruguai com um grupo de amigos. Era uma reunião de pessoas admiráveis, daquelas que dá orgulho de fazer parte, mas o grupo era grande (8 pessoas) e a espontaneidade do passeio pareceu ainda mais difícil do que no mochilão pela Europa. Todos tinham que voltar para o Brasil, enquanto eu, um jovem privilegiado de férias, fui incentivado pelos meus pais a seguir viagem.

Assim, comprei uma passagem para El Calafate, no sul da Argentina, e outra de volta para São Paulo saindo de Bariloche vinte dias depois. Ou seja, minha única tarefa era chegar no aeroporto na data marcada, tirando isso, experimentei dias sem compromissos e com total abertura para decidir quais seriam os meus caminhos e ocupações.

Ao longo do percurso alternei entre dormir na minha barraca, num *hostel* e até numa casa de um recém conhecido. O transporte também variou, se possível carona, senão ônibus pago. Fui fazendo o que me atraía no momento. Ia vivendo e as possibilidades de ação surgiam. Fazia poucos planos e não me apegava a eles.

Tal abertura talvez seja o tema central que gostaria de trabalhar aqui. Para Martin Heidegger (1889-1976) somos um ser-aí, constantemente sendo algo e deixando de ser outras coisas. Nesse sentido, temos que fazer escolhas, e isso pode ser angustiante. Na verdade, apesar de utilizarmos essa palavra como quase sinônima de ansiedade, a angústia é ontológica: para sermos, temos também, que deixar de ser. A partir disso, me interessa estudar como viajantes lidaram com períodos de tamanha abertura para ser. Como sentiram essa angústia existencial? Será que esta busca por si mesmo é apaziguada quando transitamos por contextos diversos?

Segundo Dulce Mara Critelli, no seu livro "Analítica do Sentido" (1996, p. 20),

> não pertencemos a nenhuma ideologia e a coisa alguma de forma fixa. Não pertencemos ao amado, ao amante, ao pai, à mãe, sequer ao nosso próprio corpo. Apesar de, em nosso cotidiano, empenharmo-nos em formar estruturas a que possamos pertencer, criando redes de relações que funcionam como redes de aprisionamentos, é este aprisionamento que, em sua absolutidade, é ilusório.

Então, o que de fato significa "sair da zona de conforto"? Podemos pensar inicialmente na imagem do confortável sofá de casa, com pipoca e filme, sendo substituída pelo apertado sofá da casa do chileno recém conhecido. Entretanto, essa mudança material e cultural, abala também a ideia que estava ali relaxada na cabeça, abrindo espaço para que outras entrem no lugar, as quais nos guiarão para novos contextos e assim por diante.

Enquanto não investigamos o que para cada um significou "sair da zona", podemos traçar um paralelo desse ato com o conceito de Husserl de redução fenomenológica, que consiste em fazer uma suspensão no que se sabe para conseguir acessar a experiência. Ou seja, existe aqui algo importante e que pretendo investigar: a relação com o desconforto.

Assim como na redução fenomenológica, evitamos correr para a primeira ideia que nos aparece, sustentando esse lugar de não saber, na vida de um viajante, em vários momentos não existirão recursos tanto materiais quanto intelectuais para resolver prontamente o desconforto colocado pelo ambiente. É nesse momento em que o mochileiro terá necessariamente que dialogar com o que lhe é incomodo e, assim, acessar novas possibilidades de ser.

Portanto, na jornada do mochileiro, talvez o apaziguar da angústia existencial, que é a hipótese central que pretendo trabalhar aqui, não seja alcançado a partir de uma estabilidade e certeza do seu ser, mas justamente, por uma aceitação do não ser, ou melhor, do ser-aí. Mais do que uma aceitação, estamos falando sobre uma disposição para encarar e dialogar com o desconhecido e o desconfortável, que são menos amedrontadores para um ser menos enrijecido e que, nesse tipo de viagem, serão constantemente apresentados.

É como "abrir mão de" ser um tripé e saber que é justamente a instabilidade que nos possibilita caminhar, como diz esse trecho de "A paixão segundo G. H." (1964), livro de Clarice Lispector:

> Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável. Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar.

Muitos são os motivos (sentidos) que levam as pessoas a fazerem essas viagens ou a viagem solo, se tornou um caso emblemático na literatura e no cinema a produção "Na natureza selvagem" (2007). O jovem Christopher McCandless realizou o projeto de viajar sozinho para o Alaska em busca dessa relação mais originária sem contato com os humanos para refletir sobre a existência e sobre as suas relações pessoais. Afastou-se abruptamente da família e saiu em direção ao seu projeto, talvez em direção a si-mesmo. Infelizmente o jovem Christopher, que adotou o nome de Alexander Supertramp, faleceu no local em 1992 e deixou um diário bastante contundente em favor à compreensão de que só há felicidade numa vida compartilhada.

O que eu pretendo abordar nesta pesquisa é justamente a experiência de abertura vivida por uma pessoa que se dispõe a conhecer os outros, conhecer-se se relacionando em condição de estranhamento e de encontro com os outros e com novas culturas. Cito aqui uma frase do filósofo norte americano Richard Rorty (1994, p. 354) sobre a educação como um processo de abertura que diz muito a respeito do que pretendo investigar nessa pesquisa:

> Como educação soa um tanto prosaico demais e Bildung um tanto estrangeiro demais, irei usar 'edificação' para representar esse projeto de encontrar modos novos, melhores, mais interessantes, mais fecundos de falar. A tentativa de edificar (a nós mesmos ou a outros) pode consistir na atividade hermenêutica de estabelecer conexões entre a nossa própria cultura e alguma cultura ou período histórico exóticos, ou entre a nossa própria disciplina e outra disciplina que parece perseguir alvos incomensuráveis num vocabulário incomensurável. Mas pode em vez disso consistir na atividade "poética" de cogitar esses novos alvos, novas

> palavras ou novas disciplinas, seguida por assim dizer, pelo inverso da hermenêutica: a tentativa de reinterpretar nossas cercanias familiares nos termos não-familiares de nossas invenções. Em qualquer caso, a atividade é (apesar da relação etimológica entre as duas palavras) edificante sem ser construtiva – ao menos se 'construtivo' significa o tipo de cooperação na realização de programa de pesquisa que tem lugar o discurso normal. Pois o discurso edificante é suposto ser anormal, tira-nos para fora dos nossos velhos eus pelo poder da estranheza, para ajudar-nos a nos tornarmos novos seres.

Com base no exposto, o presente trabalho objetivou compreender de que modos a experiência de abertura – saída da zona de conforto – vivida por uma pessoa na situação de mochileiro reflete em seu vir-a-ser próprio em relação à angústia existencial.

Esse estudo se mostrou relevante uma vez que o mochilão vem se popularizando e se tornando não só uma maneira de viajar como um estilo de vida para muitos. Estas pessoas agora fazem parte do cotidiano de muitas cidades que, ao recebê-los, entram em contato com essa possibilidade de estilo de vida.

Essas cidades/vilas alteram o seu ambiente, facilitando as idas e vindas de tais pessoas, de modo que o mundo está ampliando cada vez mais a possibilidade de vida nômade. Por isso, estudar a maneira como os mochileiros têm sentido sua existência e experienciado a angústia pode ser extremamente relevante para traçarmos caminhos que fazem mais sentido em uma sociedade permeada por vários modelos de estilo de vida e em que os índices de ansiedade aumentam cada vez mais.

2 A ANGÚSTIA SEGUNDO A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Nessa aventura que chamamos de vida, estamos sempre tendo que fazer escolhas. Que roupa vestir, que música ouvir, que nome dar, para onde ir. Algumas são fluidas, fáceis, tão naturais que nem parecem decisões. Outras, mais difíceis, mas ainda assim com caminhos bem delimitados: viajar para o Japão ou para o Egito? Às vezes, acontece também de o desejo ser claro, a seta ser grande, mas as condições serem limitantes. Mas e quando as opções de caminho não estão dadas? Quando os ladrilhos acabam e à sua frente resta apenas um grande pavimento, sem placas, nem luzes, nem rotas. Eis a angústia.

Esse é um momento de desamparo, de diluição da nossa trama de significados: o que um dia fez sentido já não faz mais. É como se a angústia fosse uma denúncia da insignificância das possibilidades mundanas. Porém, é a partir daí que nos deparamos com a possibilidade essencial de ser ou não ser. Momento chave na constituição de um pro-jeto, que se lança no futuro.

Francisco José Fogaça (2019, p.36) em seu texto "A filosofia da Existência: Conceito de angústia existencial em Kierkegaard e Heidegger" aponta que a angústia é "vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar o espírito estabelecer a síntese, a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar."

Assim, quando paramos para nos perguntar "Esse é o lugar que eu deveria estar agora?" podemos nos sentir angustiados pois estar em tal lugar é sempre uma possibilidade, quer dizer, a nossa liberdade é ontológica mas vamos nos aprisionando em tramas do mundo. Criamos uma rotina, que estreita essa abertura do nosso ser e alivia a angústia.

Isto é, a angústia diz sobre um estado do qual se quer sair, mas de o desejo não ser suficiente para que daí se saia. Ao mesmo tempo, também podemos entendê-la como uma iminência de queda, como diz Clarice (1964), a ausência da terceira perna, que desequilibra, mas que também permite o caminhar. Por isso mesmo ela é ontológica, pois é condição para a vida e somos impulsionados por essa busca interminável por um sentido, como afirma Fogaça (2019, p.37) "a inquietude de ser constitui a autêntica existência do homem."

Segundo HEIDEGGER (1968) a existência se dá em três momentos:

1- A derrelição - O homem surge do nada, é jogado no meio de suas possibilidades. Esse surgimento é contingente, sem razão, absurdo.

2 - O projeto - O homem lança-se em direção ao possível, em direção ao que ainda não é, porque ele está cercado pelo nada. Nosso futuro inscreve-se no nada. Através de nossos projetos, o mundo adquire um sentido.

3- A queda - É o abandono da existência autêntica, a queda no cotidiano, no habitual, no estabelecido, o homem transforma-se numa coisa entre as coisas.

Portanto, considerando esses tópicos, a partir da derrelição entendemos que o primeiro sofrimento que enfrentamos é justamente que o nosso ser é uma questão para nós que temos que dar conta e não há escapatória. O nosso ser não está pronto, não tem uma razão de ser. Ele não é, ele tem que ser algo. Estamos o tempo todo tendo que ser algo e, ao mesmo tempo, tendo que deixar de ser outras coisas. Ou seja, não temos uma essência e, como é falado no segundo tópico, somos atravessados por uma negatividade, que é o nada.

É o mundo que nos dá a referência, que traz a possibilidade concreta de existência. Ao mesmo tempo, é para ele que fugimos: para o mundo do fazer, o mundo das coisas. Isto é, toda essa nossa condição provoca fuga, de modo que pode ser tentador pegar carona num sentido impróprio, ou seja, aquele que é emprestado de outros lugares e que é tratado por Heidegger como a queda.

Assim, se o ser-aí está decaído na impropriedade, diante da angústia ele está decaído diante de si, e é diante desse vazio que surge uma oportunidade de rever a sua existência. Referencio mais uma vez Clarice Lispector (1964, p.15) que ilustra com primor este momento em "A Paixão Segundo G.H."

> Já que tenho de salvar o dia de amanhã, já que tenho que ter uma forma porque não sinto força de ficar desorganizada, já que fatalmente precisarei enquadrar a monstruosa carne infinita e cortá-la em pedaços assimiláveis pelo tamanho de minha boca e pelo tamanho da visão de meus olhos, já que fatalmente sucumbirei à necessidade de forma que vem de meu pavor de ficar indelimitada — então que pelo menos eu tenha a coragem de deixar que essa forma se forme sozinha como uma crosta que por si mesma endurece, a nebulosa de fogo que se esfria em terra. E que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma.

O homem é o único ser que questiona a sua existência. Uma de suas únicas certezas é a morte, marca que o ser humano carrega ao longo de toda a sua trajetória. Muitas vezes tenta escapar desse enfrentamento com a finitude - diante dela tem que encarar se sua vida faz sentido. O *Dasein*, expressão originária de Heidegger, é o homem compreendido como ser-existindo-aí, isto é, o *Dasein* é sempre uma possibilidade no qual se encontra como uma abertura para a experiência e, tal abertura, está diretamente relacionada com o seu ser-para-a-morte.

Desse modo, a angústia coloca em questão a confrontação de o homem conseguir realizar todas as suas potencialidades e o risco de não conseguir realizá-las, caso deixe de existir. Vivemos a condição de ser devedor, o horizonte que vem aí já é demarcado por aquilo

que falta (projeto), isso diz respeito a todo e qualquer ser-aí, estruturas que estão presentes na vida de todo Dasein.

3 O MOCHILEIRO

Agora que entendemos melhor o que é a angústia existencial, podemos tentar compreender como ela aparece na vida de um mochileiro. Vamos começar buscando o que diferencia essa viagem das de um turista tradicional. Para isso, trarei um alguns aspectos sobre o mochileiro baseados na minha experiência enquanto tal.

Muitas são as diferenças nesses dois tipos de experiências, mas talvez a mais concreta delas seja a inversão de tempo e dinheiro, bens necessários para que uma viagem aconteça . O turista tem mais dinheiro e menos tempo, enquanto o mochileiro tem mais tempo e menos dinheiro. Portanto, não estamos falando necessariamente de pessoas de condições sociais distintas, até porque dispor de tempo pode significar também uma condição social mais alta. Porém, na maioria dos casos, é fato que o gasto por dia do mochileiro é mais baixo e que muitos arranjam maneiras de passar meses e até anos viajando.

Essa economia se mostra principalmente nos lugares em que se hospedam, sendo eles hostels, campings, ou até em casas de pessoas locais, modalidade que vem sendo facilitada pelos aplicativos e conhecida como “couchsurfing” que, em tradução literal para o português, significa “surf de sofá”. Algo comum de se observar nessas instalações, por exemplo, são funcionários mochileiros, que trabalham em troca de estadia e, a depender, até de salário. É comum que façam turnos de meio período para ir curtir a outra parte do dia.

Porém, limitar essa diferenciação somente em tempo e dinheiro pode soar até ofensivo para os mochileiros que, em sua maioria, carregam não só bagagens compactas nas costas, mas também toda uma filosofia que os coloca num lugar de identificação entre si.

Ou seja, mesmo com tamanha impermanência, há aí também um lugar de identidade, o qual parece estar em crise na contemporaneidade. Como vimos, para ser algo, temos que deixar de ser outras coisas. Porém, atualmente, nos deparamos com diversas possibilidades de ser.

Com a globalização e as redes sociais podemos entrar em contato com pessoas do mundo todo, as quais vivem de diversas formas e, ainda por cima, muitas vezes vendem que a melhor maneira de viver é aquela que estão mostrando. Afinal, o que a grande maioria posta na internet é a parte da sua vida da qual se orgulha.

Portanto, somos apresentados a uma diversidade enorme de mundos perfeitos e atividades que resolverão seus problemas. Ademais, cada conteúdo desses tem um tempo de vida muito curto: o que era legal e “descolado” há meses, hoje já é brega ou clichê. Também já inventaram uma nova solução para aquele problema, provavelmente um novo produto, que vai te ajudar de maneira mais prática, afinal, não podemos perder tempo!

Acontece que vivemos numa sociedade de mudanças constantes e rápidas. Segundo Stuart Hall (2023, p. 01):

> Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Ou seja, em outros tempos nosso caminho era mais definido, sua origem ditava seu destino, um filho de ferreiro, ferreiro seria. A tradição existia como uma maneira de inserir e organizar a experiência de cada um como uma continuidade de algo maior. Isto é, o passado, o presente e o futuro já estavam alinhados e justificados em uma determinada prática do cotidiano, que carregava consigo o valor de ser uma experiência de gerações.

Tal estruturação também passava pela crença de que as coisas eram estabelecidas por uma força divina, de modo que não estariam sujeitas às mudanças. O discurso religioso te dizia o porquê de as coisas serem como são e te instruía com clareza nos comportamentos que deveria ter, muitas vezes, baseado numa resposta para a pergunta que mais nos angustia: “Qual o sentido da morte?”. Assim, ele funcionava, e ainda funciona, quase como um antídoto ao desamparo.

Entretanto, atualmente, mesmo que ainda existam igrejas e as pessoas possam encontrar algum conforto existencial nelas, vivemos uma crise das narrativas das instituições que organizam a vida do sujeito (Igreja, Escola, Estado, Família e Trabalho) de modo que a pessoa precisa encontrar um sentido no meio de um mar de discursos que rapidamente podem ser descredibilizados.

Portanto, o que se propaga atualmente na sociedade não é a força maior de algo divino, ou a instrução clara de uma instituição e que deve ser seguida, mas principalmente a soberania do próprio indivíduo. Esta que começou entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, alcança agora uma proporção na qual o sujeito vem sendo responsabilizado quase que totalmente pela sua trajetória.

É como se a força de vontade pudesse dar conta de tudo, de maneira que muitas vezes o contexto vem sendo desconsiderado. Como se para ser de determinada maneira bastasse querer. Trata-se de assumir uma grande responsabilidade, mas sem um apoio. Um peso nas costas, sem calçados para sustentar os pés, num chão de brita de estacionamento.

Porém, sabemos que o que chamamos de identidade vai muito além do querer, forma-se a partir de um diálogo com o mundo. Para Stuart Hall (2023, p.02) a identidade

> [...] preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Entretanto, em Fenomenologia, essa estabilização não é eterna e nem completa. A costura sempre rompe e deixa exposta a ferida, ou melhor, deixa exposto o vazio, angustiante, mas que abre espaço para novos entrelaçamentos. Vamos nos aprisionando em tramas do mundo para não se deparar com o abismo da liberdade como coloca Critelli (1996): nos empenhamos em formar estruturas a partir das quais pretendemos sentir pertencimento, criando redes de relações que são como redes de aprisionamento, um aprisionamento que é ilusório.

Portanto, a noção de identidade fixa e pré-determinada é problemática e não podemos desvinculá-la dos nossos projetos e do que praticamos no dia a dia. Os homens, em sociedade e através da ação coletiva, determinam a realidade social e histórica e, ao mesmo tempo, são determinados por ela e podem se posicionar, de modo livre, para além delas. Nossas atividades, principalmente o trabalho, implicam necessariamente na produção de ideias e representações sobre elas, as quais refletem a vida real. Existe aí um processo contínuo de relação, que acontece de forma dialética, expressando a unidade contraditória entre real e racional, numa perspectiva materialista, pensando na tratativa dada por Marx (1867).

Para além do trabalho, boa parte do que (quase) preenche esse vazio do indivíduo, está no que consome. Para Campbell (2006), na nossa sociedade, os consumidores encaram a constante oferta de novos produtos como uma estratégia para recriarem a si mesmos. Dentre tais produtos está também a viagem. Percorrer outras culturas também se mostra como um fator de status social. Como mostram Rocha e Pereira (2009, p. 81), “uma viagem para o exterior é considerada o ‘sonho de consumo’, assim como a casa e o carro”.

> Ao investir desejo, emoção, imaginação e construção identitária na decisão de viajar, optar por uma destinação, comprar passagens de certo meio de transporte, escolher entre diferentes formatos de hotelaria, experimentar pela primeira vez uma comida local, tudo isso envolve atos de consumo e autoconhecimento. Por isso, o turismo é uma forma de consumo que indica um comportamento reflexivo do sujeito em trânsito. (Falco, 2018, p. 20).

Esse trecho do texto “Trajetórias do eu mochileiro na estrada de corpo, alma e artefatos” de Débora de Paula Falco (2018) pode nos remeter a frases de imãs de geladeira ou plaquinhas de hotéis que dizem: “ir mais longe para se encontrar” ou talvez “viajar e voltar pra casa com olhos de turista”. Frases como estas falam de um autoconhecimento que tem a ver também com um estranhamento. Isto é, uma quebra de algo que estava ali acomodado e que abriu espaço para uma nova possibilidade de ser.

Assim, talvez o encontro com uma identidade autêntica seja proporcionado justamente pela não perseguição desta, mas por uma aceitação da pluralidade do nosso ser que está a todo momento ressignificando as coisas. Isso não significa que devemos nos abster de tudo uma vez que nada será eterno, mas estar atento ao que está fazendo sentido, estar aberto ao que se mostra.

Um mochileiro – este alguém que está sempre envolto de diferentes paisagens, companhias, hábitos e valores – se, muito enrijecido, facilmente quebrará. Recebe impactos a todo instante e precisa estar disposto a dialogar com eles. É justamente essa disposição do viajante e o contato com o desconforto que trarei para a discussão no tópico seguinte para tentar entender sua relação com a angústia.

4 O PERRENGUE

Abrir possibilidades para ser, como vimos anteriormente, nem sempre é um processo fácil. Para isso, temos que abandonar outras formas de ser, as quais por vezes estão tão cristalizadas que por mais que o mundo martele, não quebram. Marteladas essas que podem se dar nas mais diversas situações, mas que encontram na zona de conforto do indivíduo uma forte resistência. Aquela mesma casa, aquelas mesmas pessoas, aqueles mesmos produtos, aquela mesma cultura, funcionam como um amortecedor de estímulos incômodos que poderiam desafiar modos enrijecidos de ser.

Por isso, a viagem parece ter esse forte potencial descristalizador. Nesse novo ambiente, recorrer ao que lhe é confortável nem sempre é possível. Porém, a demanda por atitude é imediata, afinal, não ser algo nunca é uma possibilidade. Acontece que, nesse contexto estranho, os apoios convencionais podem não estar presentes e o desequilíbrio te obriga a caminhar.

Neste caso, as ferramentas encontradas vão estar vinculadas, claro, com a história daquele indivíduo e a cultura na qual se desenvolveu, mas também estarão presentes as novas pequenas bengalas que o contexto apresentou. Por vezes quebradiças, com designs esquisitos e tamanhos variados, mas que oferecem novamente um breve apoio.

Podemos imaginar o mochileiro talvez como um ser não como o que Clarisse denominou como tripé, mas mais semelhante a um aracnídeo. Ou seja, com várias e pequenas "bengalinhas" que, ainda que percam sentido e tragam desequilíbrio nesse sumiço, estão acompanhadas por muitas outras construídas ao longo do caminho. Para cada nova iminência de queda (angústia) um novo pequeno apoio, ao invés de colunas rígidas que quando retiradas causam desmoronamento.

Segundo Velho (1999, p. 33), "os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentam um mínimo de plasticidade simbólica, uma certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose".

Portanto, para praticar esta plasticidade e elaborar projetos eficazes é necessário ampliar o repertório e abrir-se para o que ainda não é sabido e dominado. Quer dizer, estamos falando sobre uma importância do desconforto na busca por sentido. Falco (2012) cita Moscovici (2011) para falar sobre este processo que é olhar para o desconforto, o qual pode ser catalisado pelo estrangeiro.

> O "não familiar", isto é, o que não faz parte do cotidiano, atrai e intriga, pois "obriga a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos ao consenso" (MOSCOVICI, 2011, p. 56). Mas no mesmo golpe em que "ameaçam" a ordem estabelecida, os estrangeiros trazem movimento e mudança necessários à vida social. (Falco, 2018, p. 28).

Entretanto, sem o estrangeiro para apontar, muitas vezes o que nos incomoda é algo que está pedindo por nossa atenção e que nos negamos a olhar. Fugimos do desconforto enquanto na verdade poderíamos trabalhar a partir dele. São muitas as atividades que o utilizam a seu favor.

Na dança, no sexo, na meditação, dentre outras atividades, quando prestamos atenção no próprio corpo, no que ele sente e no que pede para ser feito e não em uma ideia pré-concebida do que deveria ser, caminhamos no sentido do autoconhecimento. Podemos perceber o que sentimos e agir de acordo com aquilo, sendo sincero com o outro e consigo.

> Ele é onde é consciente, ele é onde está sua consciência. O ser humano é liberdade, ou seja, a sua própria consciência (fenomenológica/intencional), que pousa onde ele (leia-se, a sua liberdade) a colocar. Viver essa liberdade implica em estar sempre presente nesse ato ou movimento de pousar - mover - deslocar a sua consciência. Implica em, de forma presentificada e sempre – a cada instante, no momento imediato, no aqui-e-agora –, ser onde sua consciência é ou está. (Parreira, 2014, p. 70).

Porém, estamos vivendo num mundo com tantos estímulos e ao mesmo tempo com tantas metas que desaprendemos a pausar e olhar para o incômodo. Somos treinados a ignorá-lo, de modo que estamos nos afastando também das nossas próprias dores e emoções.

Portanto, há um sofrimento aí que não é acolhido. Acontece que quanto mais ignoramos o desconforto real, mais nos adequamos à lógica da sociedade atual, a qual, por mais contraditório que pareça, tem como um de seus pilares a valorização do sofrimento. Porém, tal valorização não se dá no sentido de cuidado e acolhimento, mas como condição para o sucesso. Ideias como a da meritocracia contribuem para o cidadão pensar que se não está obtendo êxito é porque não está se esforçando o suficiente. “Trabalhe enquanto eles dormem”, “*No pain, no gain*” (sem dor, sem ganho) são frases que nos deparamos no cotidiano e que colaboram com essa ideia de que você deve estar sofrendo para alcançar algo. Ou seja, há uma romantização no sofrimento e que impulsiona um adoecimento de fato, o qual não é dada a devida atenção.

Entretanto, apesar dessa lógica romântica do sofrimento, favorável ao adoecimento e ferramenta para a manutenção do sistema, a ambiguidade desta condição sempre esteve presente na humanidade. Quando vinculado a um sentido e não a uma necessidade imposta, prazer e sofrimento podem se misturar. Cidade (2012, p. 07) discute que

> Existe uma tênue diferença entre o sofrimento necessário para a recompensa e o masoquismo. Alego, em linhas gerais, que a linha divisora é social, em relação intrínseca com as concepções do “útil” e do

> "inútil". O sofrimento útil é sacrifício enquanto o inútil, masoquismo. Porém, como distinguir? (...) O que posso fazer por prazer pode ser um martírio a outrem e vice - versa. Como buscar por universalidade em algo que há de tão subjetivo? Diversos ritos de passagem tribais incitam processos dolorosos (como ser picado por formigas entre os ianomâmi ou perfurar os mamilos entre o sioux). O limiar entre a dor física e o sentimento de prestígio pode deixar a interpretação do gesto imprecisa. Talvez seja essa a lógica por trás do orgulho que o mochileiro sente pela "superação", do cansaço em passar três dias dentro do trem de Pequim ao Tibete ao invés de sacar o avião.

Portanto, parece que o mochileiro busca por uma legitimidade e autenticidade em seus caminhos. Nem sempre se trata somente de uma questão de economia de dinheiro quando este resolve, por exemplo, atravessar o deserto dormindo em um trem de mineração, ou se hospedar na casa de um recém conhecido e comer no boteco mais barato da cidade. Dessa forma, ele também está de alguma maneira se aproximando da experiência da população daquele local, quase numa simulação do que seria a vida do nativo.

Isto é, apesar da abertura para a experiência e para os diversos modos de ser, o mochileiro manifesta um claro desejo do que não quer ser: o turista tradicional. Este que supostamente viveria artificialmente aquela cultura, ou seja, viveria aquilo que foi programado para ele e não a realidade de fato.

> A falta de obstáculos a superar, a busca pelo conforto e o pagamento por serviços que facilitam a experiência da viagem depreciam os turistas "clássicos" aos olhos do mochileiro, alguns culminando ao extremo de não querer ser "confundido" com um turista. De certa forma, parece que quanto "piores" forem os hotéis, restaurantes, trens e ônibus, mais legítima é a afirmação de que, de fato, se conhece o "Outro", o nativo do país visitado. O nativo em questão se trata do "homem médio", visto, do ponto de vista europeu ou norte-americano, como invariavelmente mais pobre. (Cidade, 2012, p. 04).

É verdade também que, para além da legitimidade, seja ela pela aproximação com a experiência do nativo, ou pela experiência dolorosa, esse estilo de viagem confere imprevisibilidade e consequentemente espontaneidade ao passeio. Estes são elementos atrelados com a angústia. Quer dizer, a angústia é justamente um vazio que se abre, uma necessidade de ser algo sem saber como sê-lo.

Nunca sabemos o que nos espera, mas no contexto do mochilão, o que está por vir é sempre uma incógnita. Por isso, tentar controlar tanto o que fazer quanto como ser pode trazer frustrações e tirar do que seria a experiência de fato. O mochilão, portanto, com seus perrecos e novidades, convida à espontaneidade e à atenção, de modo que o ser-aí vai dialogando com sua angústia enquanto trilha o seu pro-jeto.

5 MÉTODO

5.1 Delineamento

Como esta pesquisa pretendeu penetrar na experiência, na subjetividade vivida por essas pessoas que empreenderam viagens em direção a se tornarem novos seres, o método fenomenológico de investigação foi um método apropriado a esse fim.

Justamente por ter sido a partir da proposta de Edmund Husserl um método de acesso aos atos intencionais da consciência e por se desdobrar a partir do pensamento de Heidegger (1989-1976) em uma fenomenologia hermenêutica, procuramos acessar o sentido dessas experiências a partir desse método em um enfoque qualitativo.

5.2 Participantes

Buscou-se uma pessoa que vivenciou um mochilão de duração mínima de três meses e que ainda estava em viagem ou que havia retornado há, no máximo, 1 ano. O fator da espontaneidade em suas experiências também foi importante para a seleção, isto é, que tivesse realizado viagens nas quais os roteiros não fossem totalmente definidos antes de iniciá-las. A participante do estudo atendeu os critérios estipulados e sua participação se deu através de convite mediado por indicação de pessoas que vivenciam o mochilão garantindo-se insenção de conflitos de interesse.

5.3 Procedimento

A entrevista, realizada por vídeo chamada (Google Meet), foi conduzida a partir de um roteiro de entrevista (APÊNDICE A), que buscou investigar no antes e no depois as fantasias, as expectativas, os hábitos, a autodescrição da experiência da pessoa, dentre outros fatores relevantes para compreender sua relação com a angústia.

Antes da entrevista, a participante recebeu e assinou o TCLE (ANEXO A) para que estivesse ciente e de acordo com o procedimento, objetivo, riscos e benefícios da pesquisa.

A participante não foi beneficiada com honorários e o risco que correu foi de impacto emocional ao compartilhar suas vivências. Caso isso viesse a acontecer, seria oferecido amparo pelo orientador dessa pesquisa, psicólogo Diogo Arnaldo Corrêa, CRP: 06/103194, que procederia com atendimento on-line para continência dos atravessamentos que poderiam

ocorrer. Se a participante desejasse descontinuar sua participação no estudo poderia fazê-lo a qualquer momento.

Acreditamos que a participante pode se beneficiar da pesquisa a partir do relato de sua experiência, na presença de ouvinte interessada e que busca compreender junto ao entrevistado os sentidos do que foi vivido, expandindo o seu horizonte de propósito do que ainda pretende viver. Para a Psicologia, os benefícios do estudo cooperam às pesquisas futuras sobre o tema e em razão da análise das vivências na experiência em questão.

O estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP sob o CAAE número 76294623.0.0000.5482.

5.4 Plano de Análise de Dados

Os relatos da participante foram analisados e discutidos com base na proposta fenomenológica de Heidegger, acessando o sentido do ser, sob a ótica do desvelamento desses sentidos em um empenho hermenêutico. Cabe ressaltar que sentido não é causa, é "projeto de mundo", no alemão sentido (*Sinn*= rumo, direção do existir). Na maioria das vezes esses sentidos não são claros, mas podemos percebê-los a partir dos contextos em que eles são vividos levando-se em consideração as disposições afetivas e o horizonte dessas convocações pessoais.

6 ENTREVISTA

Me encontrei com a entrevistada, mulher de 27 anos, logo após uma ocasião em que ela visitou uma residência terapêutica na qual residiu por alguns meses por questões pessoais e de sofrimento psíquico antes de levar a vida nômade. Vou chamá-la de Y para manter sua privacidade.

Conversamos informalmente pela primeira vez e ela manifestou entusiasmo e desenvoltura para participar do estudo. Trouxe relatos valiosos nessa aproximação informal, os quais tomei nota e que compuseram, em dada medida, elementos da discussão nesse trabalho assomadas aos relatos da entrevista.

Ela contou que havia viajado para 27 países ao longo da vida, mas que gosta de falar sobre os que visitou depois que virou nômade, uma vez que o estilo de viagem mudou muito e sente que não pode dizer realmente que conhece os 27. Então relata sobre aqueles que visitou mais profundamente, ao todo 14, desde que virou nômade há 2 anos.

Tendo concordado em participar da pesquisa, uma vez atendendo os critérios estipulados no método, foi agendada a entrevista, realizada no dia 24/03/2024 pela plataforma Google Meet e que perfez 1h20min.

No dia, Y já havia saído novamente de São Paulo, tendo passado apenas de visita, e se encontrava em um hostel na Jordânia enquanto conversávamos, cenário que trouxe elementos interessantes para a conversa.

No momento da entrevista percebi o tom da formalidade: eu atento para não dar opinião demais e em como organizar as perguntas de maneira fluida e ela, mesmo que desenvolta, falando a respeito de suas experiências, porém parecia apresentar menos entusiasmo ao revelado na conversa informal de seleção para o estudo. Mesmo assim, impressionou a sua capacidade de falar sobre o tema com um discurso não só bastante claro, mas de uma pessoa muito investida no que está fazendo.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Após a leitura do Termo de Consentimento e seu aceite para participar do estudo, perguntei a ela o que a havia conduzido a realizar suas viagens. Y me contou que, desde muito pequena, viajar o mundo era o sonho dela e não se lembrava de ter tido outro sonho na vida. Passava horas debruçada sobre mapas-múndi e, quando conheceu uma pessoa nômade pela primeira vez, colocou na cabeça que aquele seria o modo que ela gostaria de viver.

Porém, ela mencionou que por muito tempo se achou incapaz, "muito pequena" para conseguir ter a iniciativa de viver dessa maneira. Sempre empurrava para o futuro, pensando que quando tal coisa acontecesse aí sim ela estaria pronta. Aconteceu então de seu pai falecer, fato que ela indicou ser importante para tomar a iniciativa de viajar, mesmo não se sentindo pronta. Foi para a Itália, com a premissa de estudar e não apenas viajar. Lá, foi realizando pequenas viagens e acabou "sem querer" virando nômade.

> *"E aí, no meio do mochilão, eu vi que eu não precisava estar pronta e que eu ia ficar pronta, tipo, o caminho ia me preparar, sabe? Foi assim que aconteceu, meio sem querer. Acho que realmente assim. O que me levou a sair do Brasil e falar, não quero mais esperar para viver o meu sonho foi o falecimento do meu pai. Mas foi uma coisa que tipo, foi acontecendo ao longo do caminho, sabe? Não foi uma coisa muito planejada. Foi o caminho mesmo que foi abrindo as portas e sendo construído conforme eu caminhava, sabe?"*

Nota-se, a partir desse relato, uma abertura de Y para as possibilidades. Não tinha roteiros pré definidos ou metas demarcadas. Mesmo com o sonho claro em ser mochileira, a entrada na vida nômade foi gradual. Como ela disse, algo que foi acontecendo enquanto caminhava. Mas que parece ter sido impulsionado não só, mas também, pela morte do pai.

> *"É uma coisa que acontece na vida assim e você fala: Eu vou ficar o resto da minha vida e isso vai ser só um sonho e eu vou morrer e isso tipo, vai ser só um sonho, ou eu vou colocar a cara a tapa e vejo no que vai dar?"*

Dentre outras coisas, este acontecimento trouxe para perto a noção de finitude e fez Y se questionar sobre o modo como estava levando a vida. O que um dia fez sentido já não fazia mais na ocasião. E a partir dessa denúncia da insignificância das possibilidades mundanas, dessa angústia, teve de encarar a possibilidade essencial de ser ou não ser e constituir um novo pro-jeto.

Sabemos que o modo de viver nunca vai estar acabado para nenhum ser humano uma vez que nosso ser nunca se resolve (totaliza-se unicamente com a morte). Porém, muitas vezes caímos na impropriedade, vivendo uma vida que não é nossa, numa relação consigo mesmo que se dá somente a partir dos outros.

Manifesta-se algo nesse sentido quando Y comenta sobre seu passado.

> *"Eu sentia que eu era a minha pior companhia assim, sabe? Eu ficar com os meus próprios pensamentos assim era uma coisa que, tipo, eu não conseguia. Eu não conseguia realmente."*

Ao comparar essa relação consigo mesma nos dias de hoje, enquanto viaja, ela relatou:

> *"eu faço os meus próprios horários, eu posso fazer o que eu quiser, tipo, Ah, eu quero fazer isso. Eu que escolho, tipo, está na minha mão, sabe? Eu sou dona do que vou fazer, não tem mais aquelas coisas. De vozes, tipo, influenciando lá. 'Não, isso não é legal. Ah, não, isso não está certo. Ah, não, você tem certeza disso? Ai, você vai mesmo fazer isso?' Tipo, não, não tem. Ninguém está aqui comigo vendo o que eu estou fazendo, sou eu comigo"*

Entendemos, então, que o viajar "sozinho" envolve uma grande responsabilização de seus atos; outros não estarão lá para decidir seu destino, desde qual museu visitar até o tempo em que se vai ficar parado observando certa obra. Atividades estas nas quais a pessoa se relacionará consigo mesma e de maneira crítica.

Como afirma Falco (2012), o turismo é um modo de consumo que aponta uma postura reflexiva de uma pessoa que está em percurso, transitando. Ou seja, essa interação com o ambiente não é somente contemplativa, é também provocativa e convidativa. Proporciona

novas experiências que colocam em questão os desejos, os preconceitos, o que foi, o que é, o que será, isto é, os sentidos que aquele ser-aí atribuí, profere para as coisas.

> *"Se eu não resolvesse, não tinha ninguém para resolver, para mim, não tinha ninguém. Eu estava acostumada da minha vida inteira, as pessoas resolvendo as coisas para mim, as pessoas tipo, sabe, sempre ali me tratando aí, pegando na minha mão e fazendo as coisas para mim. Sabe, ou eu aprendo, ou eu aprendo. Não tem opção. Então, acho que faz também crescer e amadurecer muito, sabe?*"

Outro fator interessante de analisar é que Y estava afastada de uma rotina. Ficar muito livre gera angústia e a rotina organiza. Assim, a pessoa que é totalmente aberta se estreita e isso ameniza a angústia em seu ser. Entretanto, essa zona de conforto pode também proteger o indivíduo de questões mais fundamentais do tipo: "este é o lugar que eu deveria estar agora?". É possível ser levado pela vida sem nem mesmo conhecer direito os próprios gostos, dos quais Y comenta:

> *"Meus gostos mudaram muito. Eu não sei se meus gostos mudaram ou senti para eu descobrir que, na verdade, eu achava que o que era gosto meu era tipo do costume de estar no mesmo ambiente, vivendo as mesmas coisas sempre."*

Na conversa informal que tivemos, quando da ocasião para a seleção a fim da participação no estudo, não resisti e anotei certas afirmações que Y apresentou, como:

> *"Tá tudo mudando menos você (...) é como se você conseguisse ter um refinamento de quem você é (...) eu acho que eu comecei a viver uma vida muito mais respeitando mesmo as minhas vontades."*

Ou seja, ela revela que, ao ter mais clareza do que de fato a agrada, quais os seus desejos, pode assumir com mais firmeza as rédeas do seu destino. Estamos falando aqui de algo que parece até um contraponto. Quer dizer, o mochileiro teoricamente aberto para as experiências pode, a partir dessa abertura, experienciar diversas vivências e ter mais claro para si o que lhe

agrada; para que aí então possa respeitar mais as suas vontades. Ou seja, abrir-se para experiências não significa sujeitar-se a tudo.

Aqui, talvez para além de respeitar as vontades de fato, estamos falando de conhecê-las melhor. Perceber com mais sensibilidade o próprio corpo, poder encarar o sentimento sem tanto medo do que o corpo possa revelar e dizer do si-mesmo mais autêntico.

> *"Quando eu estava lá morando com a mulher no Uruguai, ela tentou me ensinar ali a fazer a escultura com metal. Eu fui péssima. Confesso que fui péssima. Mas vai que eu encontro ali que uma paixão e aquilo vira assim sabe uma super coisa pra mim? Então tipo, se você não experimentar, você não vai saber se você não for experimentar o novo, tipo, se você se manter ali, sempre fazendo as mesmas coisas, conversando com as mesmas pessoas. Além dos mesmos livros, vendo tipo, assistindo as mesmas coisas, falando sobre os mesmos assuntos, você vai ficar aqui (gesto com as mãos). Sim, sempre a mesma coisa. Quando você sai, você amplia, você tipo, descobre novos gostos, descobre novos hobbies, sabe?"*

E parece que a abertura para novas atividades não foi algo totalmente novo para Y. Quando criança ela teve essa disposição de acordo com o que também compartilhou:

> *"Eu queria fazer 1000 coisas diferentes, queria fazer 1000 cursos, 1000, sabe? Sempre tipo aí queria fazer cerâmica, balé, hip-hop, canto, violão, sabe? E fazer acampamento. Queria fazer 1000 coisas. E aí... pera... perdi... Perdi a linha de raciocínio. Desde pequena tive essa curiosidade por coisas diferentes, assim. Então eu acho que isso com certeza me ajudou nessa abertura na hora de mochilar. Mas também com certeza isso foi se abrindo cada vez mais conforme eu fui viajando assim."*

É interessante o fato de ela parecer ter perdido o raciocínio enquanto falava disso. Assemelha-se, talvez, ao sintoma do qual sofremos atualmente na sociedade de querer fazer

tudo, mas ter dificuldade em se entregar de fato para as coisas. O contexto do viajante tem algo de especial pois, apesar das diversas novidades que aparecem, elas surgem de maneira espontânea e, à medida que as conhecem, já as está vivendo. É diferente viver algo que está acontecendo de algo que você quer que esteja acontecendo.

> *"Todo dia você tá ali entrando em contato com alguma coisa fora do que você conhece, sabe? Então acho que faz um pouco parecer que o tempo se expande."*

Entretanto, Y mencionou que ainda sente medo e nervosismo antes de ir para um novo lugar.

> *"Sei que eu vou ter que sair da minha zona de conforto, sei que vai ser diferente. Eu sinto uma puta de uma resistência assim, sabe? Tipo, realmente me dá vontade de desistir. Eu sinto medo e sei lá, fico meio nervosa assim, sinto essa resistência de querer desistir. Mas eu acho que eu já entendi esse meu mecanismo. E aí eu falo, não, eu preciso ir. Porque eu sei que no momento que eu pisar no lugar vai ficar tudo bem, (...) já começo a prestar atenção nas coisas diferentes, nas pessoas, nos costumes, sabe tudo e tudo ao meu redor."*

Um exemplo de uma dessas coisas que puxam a atenção e que instiga a curiosidade da pessoa por aquela cultura diferente aconteceu no meio da nossa conversa, quando um barulho de sino começou a soar e ela me contou que aquilo era o sino de uma das várias sinagogas da cidade e que tocavam em certos horários do dia chamando o povo para rezar.

Algo bastante presente na sua fala também foi o apreço pelo tipo de viagem que está fazendo ao invés do que seria o turismo tradicional.

> *"Para mim não faz sentido você viajar e você ficar num resort de luxo, sabe? Para mim, não faz sentido isso. Tipo, eu respeito quem viaja com esse propósito. Mas não é o propósito que eu escolho. Porque eu quero me sentir desconfortável. Eu quero sair da minha zona de conforto (...) eu adoro me sentir estranha. Eu adoro estar num lugar que*

> *eu não conheço nada. Estar num lugar que para mim tudo é diferente. Tipo, para mim, quanto mais diferente, quanto mais esquisito, quanto mais fora da minha realidade, melhor."*

Um paralelo interessante que Y fez quando conversávamos informalmente foi o de associar os lugares pouco explorados no mundo com lugares que não vamos dentro da gente, como se estes tivessem a capacidade de nos expandir. Isso parece estar ligado justamente com a estranheza, em entrar em contato com o desconforto, que muitas vezes extrapola o físico e denuncia algo que estava enrijecido no ser mas que deixou de fazer sentido.

> *"Eu acho que sair das caixinhas é sim um processo doloroso porque você destrói muitas crenças, tipo, que até então, talvez eram coisas muito básicas assim, né? Tipo, por exemplo, coisas que você acredita muito de uma forma que está muito enraizado dentro da gente mesmo, né? E, se desfazer dessas crenças não é fácil. Sair de uma caixinha não é fácil, porque às vezes tipo, ***** uma pessoa que passa a vida inteira dela dentro de uma caixinha. A pessoa que passa vinte anos dentro de uma caixinha. Ela acha que a personalidade dela é aquilo, né? Tipo, ela se identifica muito com aquilo. Então você desconstruir isso é *****, é difícil. Desconstruir uma coisa que você passou a vida inteira acreditando como verdade e ligando aquilo a quem você é, tipo, *****, eu lembro a primeira, tipo, lá há muito tempo atrás, assim, o tanto de crise existencial que eu tive, sabe? Tipo de achar que eu não sabia quem eu era e. Justamente porque eu estava saindo dessas caixinhas assim, sabe? Eu estava em crises existenciais de tipo quem sou eu? Não sei que horas são. E eu acho que isso é importante também. Essa, esse processo de tipo, essa crise existencial. Eu acho que ela é importante. Porque ela te faz sair de uma pré-concepção de que você tem de você mesmo para entrar talvez numa verdade maior sobre você, sabe?"*

Y revela em seu discurso esse sentido de que já não precisa ser algo que imaginou que deveria ser. Relatos que remetem bastante ao trecho citado na primeira sessão desse trabalho no qual a personagem criada por Clarisse Lispector (1964) termina dizendo: "que eu tenha a grande coragem de resistir à tentação de inventar uma forma."

> *"Eu não acredito que o se encontrar é algo assim, tipo, ai, pronto, me encontrei, não acredito. Eu acredito que o se encontrar é uma eterna busca. O se encontrar tá na busca, eu acho, sabe. Então eu acho que quando a gente aceita, que a gente muda que a gente não é uma coisa fixa e ficar confortável com isso, aceitar isso, não se julgar por causa disso. Porque eu lembro que eu me julgava muito por tipo ter coisas assim dentro de mim mesma, que pra mim não faziam sentido, sabe? Tipo coisas assim, opostas e meio. Como fala? - contraditórias - É sim, quando tipo, sei lá, você aceita que a gente é múltiplo e sabe, tem várias facetas dentro da gente e que está tudo bem e que isso é bonito e que isso não está errado. E, tipo, eu acho que o que mudou para mim é que antes eu achava isso ruim, eu não gostava disso. Eu tentava, tipo, ter só uma coisa. Se eu gostava de uma coisa, tinha que ser só isso, e isso acabava tipo. Sufocando, né? Matando as outras partes de mim assim. E a gente é um universo, né? Tipo, pô, você vai querer ser só um planeta? Você é um universo, sabe?"*

Com essa fala percebe-se a percepção clara que Y tem de si mesma como um ser em constante mutação, deixando de ser coisas para se tornar outras a todo instante e nem sempre tendo clareza disso, mas também não tentando enquadrar a "monstruosa carne infinita" (Lispector 1964) em algo que tenha que fazer sentido.

Concluo essa discussão com a letra de uma música que Y, a menina que se via "muito pequena" para realizar seus sonhos, disse ter escutado como um mantra ao longo de suas viagens:

Talvez o sim, o não

Uma contradição inteira

Talvez uma mulher ou uma dinamite a beira

De explodir

Talvez o caos a paz

Ou qualquer coisa que eu queira

Na minha solidão cabe uma multidão inteira

Onde eu posso dançar

Nos braços de quem quiser

E vou me espalhar

Por toda superfície que eu puder

Porque eu não posso me encaixar

Num espaço tão pequeno

Eu nasci assim

Gigantesca

(Gigantesca - Mariana Volker)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que este trabalho contribui para pensar sobre o fenômeno crescente que é a viagem ao estilo “mochilão” e como essa atividade pode dialogar com a angústia ontológica.

Vimos que a angústia é algo inescapável, ela é condição de existência, é o vazio que se abre diante do ser, mas que também permite o caminhar.

Considerando a vivência de um mochileiro, na qual tudo muda ao redor, certas maneiras de ser já não fazem sentido no novo ambiente. Em muitos momentos ele não terá acesso a recursos tanto materiais quanto intelectuais para resolver o desconforto colocado. É aí que aparece a necessidade de dialogar com o que lhe é desconfortável, angustiante.

Portanto, o apaziguar dessa angústia na vida de um mochileiro, indagação que apresentei nesse trabalho, seria promovida por uma disposição para dialogar com o estranho, uma aceitação do não ser, ou melhor, do ser aí.

Nas vivências da entrevistada percebe-se algo nesse sentido. Ela trouxe um discurso de muita realização por notar que não precisava se enquadrar em algo, se estabilizar como um ser que tenha uma lógica. Sua experiência com a vida nômade e com a vastidão das culturas, da mesma forma que trouxe mais responsabilidade para com seus atos, na medida em que ela definiu seus caminhos e resolveu seus problemas, provocou também uma menor cobrança sobre a forma que deveria ser.

Dessa forma, parece que o mochilão pode sim apaziguar a angústia existencial na medida em que apresenta a pluralidade do mundo, mas não de uma maneira distante como na internet, mas de maneira presente e provocadora, de modo que o movimento de abertura e estreitamento do ser se dá de forma menos abrupta. Isto é, num desequilíbrio eterno, menos parecido com o despencar de um tripé que perde uma perna e mais semelhante a um aracnídeo. Um aracnídeo de mochila nas costas.

REFERÊNCIAS

BOSS, M. **Angústia, Culpa e Libertação**. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

CIDADE, Eduardo. Em busca de experiências: o verdadeiro mochileiro é aquele que já passou por vários "perrengues". **Revista Intratextos**, *[S. l.]*, v. 3, n. 1, p. 1–16, 2012.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica.** - 2.ed.- São Paulo: Brasiliense, 2007.

FALCO, Débora de Paula. **Trajetórias do eu mochileiro: na estrada de corpo, alma e artefatos**. 2018. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

FOGAÇA, Francisco José. A Filosofia da Existência: conceito de angústia existencial em Kierkegaard e Heidegger. **E-hum**, v. 12, n. 2, p. 35-39, 2019.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** (1927), Partes I e II, tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G. H.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

MARX, Carl **O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital**. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PARREIRA, Walter Andrade. Fenomenologia e espiritualidade: consciência e meditação. **Memorandum**, 27, 61-72. 2014.

RORTY, Richard **A filosofia e o espelho da natureza**. Tradução de Antônio Trânsito. São Paulo: Relume Dumará, 1994.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

- O que te levou a fazer sua viagem?
- Quais fantasias/expectativas você tinha a respeito dela antes de começar?
- Em relação a seus hábitos, o que mudou ou não neles a partir da experiência da viagem? E estabeleceu novos hábitos?
- Formou vínculos na viagem? Como aconteceram?
- Como se sentiu consigo mesmo na viagem?
- Em algum momento sentiu solidão? Se sim, como foi?
- Algo o religava à suas origens?
- Ao longo de sua jornada, a quais situações/relações sentiu-se pertencido?
- Experienciou relações de estranhamento/resistência?
- Passou por dificuldades? Se sim, como as vivenciou e enfrentou?
- Algo mudou na forma de encarar situações desafiadoras/desconfortáveis em sua vida?
- Como a viagem afetou sua percepção/consciência de si?
- Como a viagem afetou em sua espontaneidade?
- Como a viagem afetou em seu autojulgamento?
- Como a viagem afetou em sua confiança?
- Como tem sentido a ansiedade e como era antes da viagem?
- Como você percebe a sua identidade atualmente?
- Teve momentos em que a percepção de mudança do seu ser foi mais clara? Pode apresentar um ou dois exemplos?
- Qual ou quais sentidos (significados) você percebe em ter vivido a viagem?

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada **MOCHILEIRO SAINDO DA "ZONA": UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL**, sob a responsabilidade de HUGO COLUCCI GASCON sob a orientação de DIOGO ARNALDO CORRÊA.

JUSTIFICATIVA: o estudo se mostra relevante uma vez que o mochilão vem se popularizando e se tornando não só uma maneira de viajar como um estilo de vida para muitos. Estas pessoas agora fazem parte do cotidiano de muitas cidades que, ao recebê-los, entram em contato com essa possibilidade de estilo de vida.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: compreender de que modos a experiência de abertura – saída da zona de conforto – vivida por uma pessoa na situação de mochileiro reflete em seu vir-a-ser próprio em relação à angústia existencial.

PROCEDIMENTO: uma entrevista por vídeo chamada conduzidas partir de um roteiro de entrevista.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: a entrevista terá duração de até uma hora e meia e ocorrerá na plataforma Google Meet.

RISCOS E DESCONFORTOS: o risco possível é de impacto emocional ao compartilhar suas vivências e, caso ocorra, será encaminhado(a) para suporte psicológico.

BENEFÍCIOS: na presença de um ouvinte interessado e que busca compreender junto ao entrevistado os sentidos do que foi vivido, expandir o seu horizonte de propósito do que ainda pretende viver. Para a Psicologia, os benefícios do estudo cooperam a pesquisas futuras sobre o tema e em razão da análise das vivências na experiência em questão.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: se o(a) participante sentir-se desconfortável emocionalmente, será oferecido suporte psicológico pelo orientador desse estudo, psicólogo Diogo Arnaldo Corrêa, CRP: 06/103194, que procederá com atendimento on-line para continência dos atravessamentos que podem ocorrer. Caso deseje, você pode solicitar acesso aos resultados da pesquisa.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO: você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, você não será mais contatado(a) pelos pesquisadores.

GARANTIA DE MANUTEÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: os pesquisadores se comprometem a resguardar sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após finalizada e publicada. As informações coletadas serão gravadas a partir de uso de um gravador de voz, transcritas e analisadas tematicamente para discutir suas experiências em relação ao assunto e objetivo do estudo. Os conteúdos armazenados serão descartados em cinco anos após a realização da entrevista.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: considerando o caráter voluntário de participação no estudo, não há danos ou indenizações previstos. Mas, se ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante ou após o procedimento de entrevista, lhe será garantido o direito a esclarecimentos e suporte imediato. A participação na pesquisa não envolve custos, tampouco compensações financeiras.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Hugo Colucci Gascon pelo telefone (00) 00000-0000, e-mail dacorrea@pucsp.br ou pelo endereço à Rua Ministro Godoi, 969, sala T52A (andar térreo – FACHs), Perdizes, São Paulo-SP, CEP: 05014-901, telefone: (11) 3670-8168/3670-8157.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP localizado à Rua Ministro Godói, 969, sala 63-C (andar Térreo do E.R.B.M.), Perdizes, São Paulo-SP, CEP: 05015- 001, telefone (fax): (11) 3670-8466 e e-mail cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao público: *das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira.*

De acordo com a Resolução nº 466/12 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa que,

individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

São Paulo, _____ de _____ de _____.

_____

Participante da Pesquisa

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa "**MOCHILEIRO SAINDO DA "ZONA": UMA INVESTIGAÇÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL"**, eu, DIOGO ARNALDO CORRÊA, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 e IV.4 (se pertinente), da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

_____

Pesquisador